

Inglês nega atritos com o Brasil

Não é verdade que os bancos ingleses decidiram não conceder novos empréstimos ao Brasil até que o Governo brasileiro resolva permitir o pouso de aeronaves britânicas em viagem para as ilhas Falklands/Malvinas: tudo não passou de alguma confusão entre as posições do Governo de Margareth Thatcher, de um lado, e de outro a disposição dos bancos do Reino Unido.

Esta explicação ficou clara ontem, no Banco Central, quando o economista Christopher Brougham — representante do Lloyds Bank, da Inglaterra, no Subcomitê de Comércio vinculado ao Comitê de Assessoramento dos bancos credores — se dispôs a quebrar o tradicional mutismo com a imprensa para declarar que “nenhum banco do Reino Unido disse que não vai apoiar o programa de financiamento brasileiro”.

“Isso não é verdade” — afirmou o economista, antes de se reunir com o diretor da Área Externa do Banco Central, José Carlos Madeira Serrano, para acertar detalhes operacionais referente à renovação das linhas de crédito comercial ao Brasil. Brougham esteve em Brasília acompanhando o Subcomitê de Comércio, chefiado por Thomas Hynes, do Chase Manhattan Bank, que não quis falar à imprensa.

Enquanto Hynes se desculpava por não estar autorizado a fazer comentários públicos, o economista Brogham surpreendeu os jornalistas ao pedir para dar uma declaração: “Eu queria dizer apenas que não é verdade a notícia surgida na imprensa inglesa e brasileira, de que os bancos do Reino Unido não querem apoiar o programa de financiamento do Brasil”. O economista atribuiu este tipo de notícia à confusão que teria sido feita, “talvez pela imprensa brasileira”, entre as posições do Governo e dos bancos.

“Até agora não houve um único banco da Inglaterra que tenha se mostrado contrário à participação no programa de financiamento ao Brasil” — acrescentou o economista, admitindo que daqui por diante, pode até ser que algum estabelecimento bancário venha a adotar este

tipo de posição. “Mas até agora não há nenhum sentimento negativo em relação ao Brasil” — explicou, lembrando que o encontro entre o presidente do Banco Central, Afonso Pastore, e os banqueiros ingleses, em Londres, “foi muito positivo”.

Os bancos ingleses foram convidados, pelo Governo brasileiro e pelo Fundo Monetário Internacional, a participar basicamente de dois tipos de apoio financeiro ao Brasil: primeiro, devem entrar nos novos créditos de US\$ 6,5 bilhões que serão concedidos pelo conjunto dos bancos credores privados; segundo, o Governo inglês está convidado a participar do fornecimento de crédito comercial ao Brasil, juntamente com os Estados Unidos, Canadá, Japão e países da Europa Ocidental, no total de US\$ 1 bilhão.